

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Minion Pro e impressa pela RR Donnelley em ofsete sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em setembro de 2013

A BELA e a FERA

AO REDOR DO GLOBO

EUROPA • ÁSIA • AMÉRICA DO SUL

Versões

ADELE M. FIELDE, DOMINGA FUENTES DE NORAMBUENA
E JEANNE-MARIE LE PRINCE DE BEAUMONT

Seleção de textos

BETSY HEARNE

Ilustrações

ALICIA BADALAN, MARIANA CHIESA, DAVID ÁLVAREZ E CLAUDIA LEGNAZZI

Tradutor

EDUARDO BRANDÃO





A Bela e a Fera



FRANÇA

Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont

(adaptação de Betsy Hearne)

Era uma vez um rico comerciante que tinha três filhas, cada uma mais encantadora que a outra. A mais moça era tão linda — de mente, corpo e coração — que a chamavam de Bela. O pai dava às filhas tudo o que queriam, e também uma boa educação. As duas irmãs mais velhas não ligavam muito para essa parte, gostavam mesmo era de se vestir elegantemente e dançar a noite inteira.

Já Bela adorava livros, achava uma maravilha ler e tocar cravo. E quando

os pretendentes vinham aos montes pedir sua mão, sempre dizia: “Não, vou ficar mais um pouco com meu pai”.

As três moças viveram como princesas até o dia em que o comerciante recebeu um recado lhe informando que sua frota de navios havia afundado no mar, durante uma tempestade. De repente, ele estava endividado até o pescoço. Em menos de um mês teve de vender tudo o que possuía e mudar com a família para uma casinha pequena caindo aos pedaços, que ficava no meio de um bosque e era rodeada por um terreno abandonado. No início, as três meninas choraram, se lamentaram, se revoltaram... As duas mais velhas não se conformavam. Dormiam até tarde e, quando acordavam, reclamavam da vida.

Bela, no entanto, começou a olhar à sua volta e a perceber como aquele bosque era bonito. Tratou de fazer uma horta e criar um bando de gansos e um rebanho de cabras. Alimentava seus bichos todos os dias e descobriu que podia trabalhar como qualquer outra pessoa.

Mesmo assim, eles viviam na pobreza. Um dia, o comerciante recebeu outra mensagem dizendo que um dos seus barcos havia chegado ao porto a

duras penas e que, se ele fosse correndo para a cidade, ainda poderia resgatar uma parte da mercadoria. Antes de partir, o pai chamou as três filhas e lhes perguntou:

— O que vocês querem que eu traga da cidade?

A primeira filha pediu roupas; a segunda, joias. Bela achou que roupas e joias não a ajudariam no trabalho. A coisa de que mais sentia falta quando cuidava da horta era das rosas. Se o pai pudesse lhe trazer uma rosa, ela plantaria uma roseira.

O pai foi o mais depressa que pôde, mas, quando chegou ao porto, o navio já tinha sido esvaziado pelos credores e não sobrou nada para ele. Resolveu voltar logo porque não tinha dinheiro nem para passar a noite numa pousadinha, e assim partiu. Seu cavalo já estava se cansando, e a noite logo ia cair. De repente, o tempo fechou e começou a chover. E com a chuva chegou também a neve. Antes que se desse conta, ele tinha se perdido. Na esperança de que o cavalo soubesse voltar para casa, deixou que ele escolhesse o caminho. De fato, não demorou muito para avistar uma luz ao longe. Entraram numa trilhazinha estreita margeada por



altas árvores. O cavalo avançava aos trancos e barrancos, contra o vento, a chuva e a neve, em direção àquela luz que estava a cada passo mais brilhante. Chegou então a um jardim que rodeava um grande castelo. O lugar tinha um ar diferente do clima gelado do bosque. Parecia mais quente, quase como se nele reinasse a primavera. O comerciante apeou e levou sua montaria para o estábulo, que estava vazio. Deu os grãos que encontrou em um balde a seu cavalo, penteou-o e foi bater na porta do castelo. Ninguém atendeu.

A porta não estava trancada. O comerciante entrou e andou por um corredor comprido até uma lareira, que produzia chamas brilhantes. Diante da lareira havia uma mesa posta, com frango assado, pão fresco e uma garrafa de vinho. Ele chamou por alguém, mas não teve resposta. Passado um tempo, não pôde mais resistir. Sentou diante do fogo numa cadeira confortável e comeu o frango inteiro. Depois de uns copos de vinho, adormeceu ali mesmo. Dormiu a noite inteira. Quando acordou, a mesa estava limpa e posta com chocolate quente, pãezinhos frescos e frutas. Depois de comer, sentiu-se bem e resolveu ir embora. Sua capa

esfarrapada tinha desaparecido, e em seu lugar havia outra de lã grossa. Ele se levantou, vestiu-a e saiu para enfrentar o novo dia. Ninguém apareceu quando foi buscar o cavalo, então selou-o e estava pronto para deixar o castelo. Ao passar pelo último trecho do jardim, o comerciante viu uma roseira e se lembrou da promessa que havia feito a Bela. Quando pegou a rosa mais formosa, ouviu um rugido: uma fera furiosa pulou em cima dele, que caiu de joelhos. A Fera — um ser coberto de pelos — olhava o homem do alto.

— Como se atreve a roubar minhas rosas? — rosnou a Fera.

— Meu senhor, eu não pretendia roubar...

— Não me chame de “senhor”. Sou uma fera.

— Fera — disse o comerciante —, não quis roubar você.

— Então por que está levando o que mais aprecio?

— Só cortei uma rosa para minha filha. É tudo o que ela queria.

— Eu sempre mato quem rouba minhas rosas — disse a Fera —, mas se sua filha estiver disposta a vir ao castelo em seu lugar, não tirarei sua vida.

— Oh, não! Eu jamais permitiria!



O comerciante chorou, chorou, mas estava claro que a Fera não mudaria de ideia. Para ganhar tempo e poder se despedir da família, o comerciante disse que ia buscar sua filha, a mais moça das três. Com um peso no coração, montou no cavalo e voltou para casa.

Quando chegou à sua casinha, Bela foi ao seu encontro, toda feliz por ver o pai. Viu na mão dele a rosa que tinha trazido para ela. O pai contou às três filhas a história da Fera. Bela ficou em silêncio. As duas mais velhas, no entanto, se queixaram e protestaram furiosas: Bela, como sempre, tinha criado problema com mais um de seus estranhos pedidos.

Ela quebrou o silêncio e disse ao pai:

— Pai, não se preocupe. Nunca tive medo das feras dos bosques. Por que haveria de temer uma fera que vive em um castelo? Amanhã vou lá com você conhecer essa Fera.

O pai protestou, mas na manhã seguinte atravessaram o bosque em direção ao castelo. Seu cavalo se dirigia para lá sem hesitar, como se conhecesse o caminho. Enquanto Bela ajudava o pai a deixar os cavalos no estábulo, ninguém apareceu. Eles abriram a porta do castelo e seguiram pelo corredor

comprido até a lareira que ainda crepitava, diante de outro jantar bem servido e intocado. Bela estava nervosa, mas, apesar disso, conseguiu comer. Quando terminaram de jantar e se perguntavam o que aconteceria, ouviram um estrondo de portas e passos pesados que se aproximavam.

Ali estava a Fera. Era um ser enorme, peludo, horrível e assustador. Bela se encolheu. A Fera se aproximou e perguntou amavelmente:

— Bela, você veio por vontade própria?

— Vim, meu senhor — respondeu ela fazendo uma reverência com a cabeça.

— Não sou seu senhor. Sou uma fera.

— Sim, por vontade própria, Fera — disse, encarando-o.

Ele pareceu sorrir sob a sua pelagem e disse:

— Muito bem, então. Despeça-se do seu pai, que deve ir embora.

Bela abraçou o pai e acompanhou-o até a porta. Depois se virou para ver a Fera, que a levou para um cômodo no final das escadas. Na porta havia uma tabuleta que dizia: “Quarto da Bela”. A moça lhe deu boa-noite, entrou e fechou a porta. Nunca havia visto um aposento como aquele. Estava repleto

de coisas que ela amava: livros, música e até passarinhos que entravam e saíam voando pelas janelas. Olhou para o jardim do castelo, cheio de rosas e de perfumes da primavera, e pensou consigo mesma: “Eu poderia viver aqui o resto da vida”.

Na manhã seguinte, Bela começou a explorar o castelo e os jardins dos fundos. Cada dia ficava mais feliz. De noite, a Fera aparecia para o jantar e falava amavelmente com ela. Bela começou a ansiar pela sua companhia. Todas as noites, terminada a refeição, ele lhe fazia a mesma pergunta:

— Bela, você se casaria comigo?

— Oh, não, Fera, nunca poderia me casar com você — respondia a moça.

Passava o tempo e a Fera continuava a formular a mesma pergunta, que Bela respondia do mesmo modo.

Até que Bela começou a sentir falta da família. Uma noite, notando sua tristeza, a Fera lhe perguntou o que a afligia.

— Fera — disse ela —, eu queria ver meu pai.

A Fera baixou a cabeça.

— Vá olhar no espelho do seu quarto.

No quarto, Bela viu seu pai no espelho, doente, com péssima aparência. No dia seguinte, suplicou à Fera que a deixasse ir até sua casa.

— Você está livre para ir e vir quando quiser — disse a Fera. — Tome este anel. Ponha-o no dedo, vire-o, faça o pedido e estará na sua casa. Mas lembre-se: se ficar tempo demais, você despedaçará meu coração. Quando chegar a hora de voltar, ponha o anel no dedo novamente e vire-o outra vez.

Naquela noite, depois de jantar, Bela girou o anel no dedo. De repente, viu-se na porta do quarto de seu pai. Ele pulou da cama, como se tivesse se recuperado no instante em que a viu. Bela contou a seu pai sobre o castelo, mostrou as roupas delicadas e as joias que a Fera lhe dera.

As irmãs mais velhas ouviam a caçula mortas de inveja. Quando Bela tentou dar a elas tudo o que a Fera tinha lhe dado, as roupas e joias desapareceram das mãos das irmãs. Então, elas confabularam contra Bela: fingiriam ficar tristes cada vez que Bela falasse que iria embora. Quem sabe se, conseguindo segurá-la bastante, a Fera se irritaria e a atacaria quando ela voltasse para o castelo. E assim fizeram. Toda vez que Bela anunciava que

tinha de ir, as irmãs esfregavam cebola nos olhos e choravam falsamente, rogando que não fosse embora. Então ela ficava um pouco mais, e uma coisa ia levando à outra. Bela via que seu pai melhorava e deixava os dias passarem sem contá-los.

Uma noite, ela teve um sonho. Viu a Fera diante da fonte do jardim, morrendo. Bela acordou sentindo tanta saudade da Fera que achou que seu coração ia arrebentar. Pegou o anel na mesa, girou-o em seu dedo e desejou voltar para o castelo. Uma vez lá, correu para seu quarto e pôs o melhor vestido a fim de esperar a Fera para jantar. Mas esperou em vão, porque ele não apareceu. Bela procurou-o por todo o castelo até que, finalmente, encontrou-o no chão junto da fonte do jardim, onde o tinha visto em seu sonho. Deitou a cabeça em seu peito e pôs-se a chorar:

— Minha Fera, eu não sabia o quanto te amava.

Encheu o rosto da Fera de lágrimas e beijos. A Fera se agitou, tentou se levantar e acabou conseguindo ficar de pé... depois de ter se transformado num belo homem!

— Quem é você? — gritou Bela.

— Sou a sua Fera — respondeu o homem —, um príncipe aprisionado no corpo de um animal até que uma mulher me amasse pelo que sou, apesar da minha aparência. Bela, você se casaria comigo?

— Sim! Não perderia você de modo nenhum, pouco me importa a forma que tenha!

Ao pronunciar essas palavras, o castelo na penumbra se iluminou por completo e as roseiras murchas floresceram de novo.

Pouco tempo depois, eles se casaram na presença das irmãs e do pai de Bela. O bondoso pai estava muito alegre, mas os corações de suas irmãs estavam tão endurecidos pela inveja que seus corpos se converteram em pedra. Elas viraram duas estátuas, que ficaram para sempre observando a felicidade de Bela e de seu esposo.

